

LEGADO POLÍTICO MARXIANO: SIGNIFICADO SOCIAL DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO PARA O MOVIMENTO ESTUDANTIL DE SERVIÇO SOCIAL

MARXIAN POLITICAL LEGACY: SOCIAL MEANING OF SCIENTIFIC KNOWLEDGE FOR THE STUDENT MOVEMENT IN SOCIAL WORK

LUCILA DE SOUZA ZANELLI⁵

RESUMO: Com o texto que segue, objetiva-se reafirmar a atualidade do pensamento de Marx e Engels ainda no século XXI, bem como situar suas concepções teórico-metodológicas como legado político para as lutas gerais de trabalhadores e trabalhadoras de todo mundo, dentre as quais situam-se aquelas travadas pelo movimento estudantil de serviço social brasileiro. As reflexões ora propostas foram sistematizadas a partir de investigações desenvolvidas em uma disciplina de programa de pós-graduação em Serviço Social, articuladas ao tema de um trabalho de conclusão de curso concluído, fruto de uma pesquisa que se desdobra em um projeto de mestrado em andamento. Introduce-se o debate com uma contextualização generalista sobre a dinâmica contemporânea da sociedade capitalista, terreno no qual se desenvolve e se disputa o direcionamento sociopolítico da produção, socialização e apropriação de conhecimentos na arena da luta de classes. O texto apresenta elementos aproximativos no debate acerca do significado social do conhecimento científico no Serviço Social, sobretudo no que versa a sua vinculação e reivindicação da teoria social crítica como referencial teórico. Os apontamentos conclusivos ratificam a teoria marxiana como legado político para o endossamento da direção social crítica da profissão, com ênfase nas lutas protagonizadas pelo movimento estudantil de serviço social. Essas lutas constituem também a história do movimento estudantil geral, no contexto de embates democráticos e de direção revolucionária travadas no território brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: marxismo; Serviço Social; movimento estudantil; dimensão político-organizativa; produção de conhecimentos.

ABSTRACT: With the text that follows, the objective is to reaffirm the relevance of the thought of Marx and Engels still in the 21st century, as well as to situate their theoretical-methodological conceptions as a political legacy for the general struggles of workers around the world, among which they place up those fought by the Brazilian social service student movement. The reflections proposed here were systematized from investigations developed in a discipline of a postgraduate program in Social Work, articulated to the theme of a completed course conclusion work, the result of a research that unfolds in a master's project in progress. The debate is introduced with a generalist contextualization on the contemporary dynamics of capitalist society, a terrain in which the socio-political direction of production, socialization and appropriation of knowledge in the arena of class struggle is developed and disputed. The text presents approximate elements in the debate about the social meaning of scientific knowledge in Social Work, especially with regard to its connection and claim to critical social theory as a theoretical framework. The conclusive notes ratify the Marxian theory as a political legacy for the endorsement of the critical social direction of the profession, with emphasis on the struggles carried out by the student social

⁵ Assistente social no Instituto Maria Modesto, em Uberaba/MG. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Fundamentos, Formação E Exercício Profissional em Serviço Social (GEFEPSS), vinculado à Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: lucilazanelli.as@gmail.com. Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8322871996920888>. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-8268-2468>. Brasil

service movement. These struggles also constitute the history of the general student movement, in the context of democratic clashes and revolutionary leadership held in Brazilian territory.

KEYWORDS: marxism; Social Work; student movement; political-organizational dimension; knowledge production.

SUMÁRIO: 1. Introdução; 2. Significado social da pesquisa para o serviço social e sua vinculação com o pensamento de Marx e Engels: luta de classes, conjuntura político-econômica e mediações socioprofissionais; 3 Ação política do movimento estudantil de serviço social e a produção de conhecimentos sobre o tema; 4 [Estudantes] “trabalhadores de todo o mundo: uni-vos!” reflexões conclusivas; 5. Referências

1. Introdução

“Ou os estudantes se identificam com o destino do seu povo, com ele sofrendo a mesma luta, ou se dissociam do seu povo e nesse caso, serão aliados daqueles que exploram o povo.”

Florestan Fernandes

Qual o significado social da produção (da socialização e da apropriação) do conhecimento científico na contemporaneidade, sobretudo, partindo da concepção de interesses antagônicos de classe em disputa? Consideramos oportuno situar a indagação – que aliás, demanda esforços de investigação os quais, sem dúvida, excedem as possibilidades do presente trabalho, posto o processo de desenvolvimento histórico em constante movimento no bojo das lutas de classes – nos propondo a desenvolvê-la com ênfase na dimensão político-organizativa do Serviço Social nos tempos hodiernos.

Recorremos às contribuições marxianas, que ressoam nas diversas dimensões constitutivas da vida social, partindo da premissa de que a aproximação com as formulações teóricas-metodológicas de Karl Marx e Friedrich Engels reservam subsídios fundamentais e imprescindíveis para nós que nos implicamos na edificação de uma sociedade humanamente emancipada.

Considerando o Movimento Estudantil de Serviço Social (MESS) como estratégico no processo de construção e defesa de um projeto profissional crítico, que renuncie ao conservadorismo e se vincule ética e politicamente aos interesses mais gerais da classe trabalhadora, objetivamos explorar a dimensão do conhecimento científico em Marx e Engels como legado político para as lutas atuais da juventude universitária organizada.

Nos debruçamos neste estudo sobre a possibilidade de conceber o significado social do conhecimento a partir do legado marxiano e da tradição marxista para a ação política do MESS, fundamentalmente através de suas entidades representativas – a Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social (ENESSO) e as entidades de base (os Centros e Diretórios Acadêmicos).

Metodologicamente, confrontamos as concepções teórico-metodológicas de Marx e Engels com importantes desafios⁶ do MESS emergentes na atualidade e a demanda pelo fortalecimento do Projeto Ético-Político (PEP) do Serviço Social por meio da ação protagonizada de sujeitos em processo de formação profissional, os quais atuarão futuramente como profissionais prestando serviços junto à comunidade.

Não é demais o reforço em destacar que o trabalho de assistentes sociais junto à população se pressupõem ser desenvolvido de maneira consoante às bases de sustentação consolidadas no Código de Ética da Profissão de 1993, ou seja: trata-se de um exercício profissional estabelecido em um compromisso com nítida conotação política, dispensando falácias de uma pretensa neutralidade. Dentre o conjunto dos princípios⁷ que solidificam nosso

⁶ Sobre tais desafios: “No cenário posto, tecemos alguns pressupostos que indicam que as condições de atuação da ENESSO têm sido, no bojo da ação política dos movimentos sociais como um todo, alvo dos detentores do poder e de seus representantes na esfera jurídica e política: a direção da ENESSO se encontra em processo de acirrada disputa de projetos societários, e persistem fortes indícios de que tenha assumido uma posição eclética e interpretação vulgar do Projeto Ético-Político (PEP) do Serviço Social. Esses pressupostos se fundamentam em algumas preocupações, como: a dispersão de documentos físicos e digitais da ENESSO que registram a história da organização estudantil; vacância total em Coordenações Regionais que perduram por vezes ao longo de um ano, bem como, abandono de gestões por parte de militantes que as compunham; fragilidades no processo de transição entre gestões que implicam uma inflexão político-organizativa; dificuldades de construção de consenso nos processos deliberativos que impactam na ação política e unidade da Executiva”. (ZANELLI, 2019, p. 19).

⁷ I. Reconhecimento da liberdade como valor ético central e das demandas políticas a ela inerentes - autonomia, emancipação e plena expansão dos indivíduos sociais; II. Defesa intransigente dos direitos humanos e recusa do arbítrio e do autoritarismo; III. Ampliação e consolidação da cidadania, considerada tarefa primordial de toda sociedade, com vistas à garantia dos direitos civis, sociais e políticos das classes trabalhadoras; IV. Defesa do aprofundamento da democracia, enquanto socialização da participação política e da riqueza socialmente produzida; V. Posicionamento em favor da equidade e justiça social, que assegure universalidade de acesso aos bens e serviços relativos aos programas e políticas sociais, bem como sua gestão democrática; VI. Empenho na eliminação de todas as formas de preconceito, incentivando o respeito à diversidade, à participação de grupos socialmente discriminados e à discussão das diferenças; VII. Garantia do pluralismo, através do respeito às correntes profissionais democráticas existentes e suas expressões teóricas, e compromisso com o constante aprimoramento intelectual; VIII. Opção por um projeto profissional vinculado ao processo de construção de uma nova ordem societária, sem dominação, exploração de classe, etnia e gênero; IX. Articulação com os movimentos de outras categorias profissionais que partilhem dos princípios deste Código e com a luta geral dos/as

projeto profissional, encontra-se situada a “[...] defesa do aprofundamento da democracia, enquanto socialização da participação política e da riqueza socialmente produzida.” (CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL, 2012, p. 126).

Partilhando dos princípios deste projeto e, considerando o papel estratégico da dimensão da produção de conhecimentos na sociedade moderna, o presente trabalho registra reflexões no campo do amplo e profundo legado político marxiano⁸ para a classe trabalhadora – que tem repercutido inclusive nas lutas estudantis.

Marx e Engels, ademais de suas contribuições no campo teórico-metodológico, estabeleceram relação direta com organizações de trabalhadores e trabalhadoras, tornando-se lideranças políticas que transformaram os caminhos da luta a partir de idos do século XIX. E como aponta Iasi: “tornar-se dirigente [...] implica numa luta de ideias, juízos e valores e mais, numa luta teórica.” (2011, p. 43).

Neste artigo, registramos extratos de estudos em andamento, iniciados no percurso da graduação em Serviço Social, articulados à experiência pregressa de vinculação militante com o Movimento estudantil. Desde iniciação científica, monografia e atualmente, pesquisa no mestrado, este tema tem sido maturado num coletivo, felizmente, rendendo frutos, experiências e trocas. É diante este percurso que aqui constam reflexões gestadas e sistematizadas previamente como acúmulo desenvolvido no Grupo de Estudos e Pesquisa em Fundamentos, Formação e Exercício Profissional em Serviço Social/GEFEPSS (vinculado à Universidade

trabalhadores/as; X. Compromisso com a qualidade dos serviços prestados à população e com o aprimoramento intelectual, na perspectiva da competência profissional; XI. Exercício do Serviço Social sem ser discriminado/a, nem discriminar, por questões de inserção de classe social, gênero, etnia, religião, nacionalidade, orientação sexual, identidade de gênero, idade e condição física. (CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL, 2012, p. 121-131).

⁸ Ao nos referirmos ao legado marxiano, sinalizamos que a referência se vincula ao conjunto das formulações teórico-metodológicas de Karl Marx sem presumir qualquer negação da colaboração mútua com Friedrich Engels: “Não é possível separar a vida e obra de ambos a partir de 1844 e deve-se levar em conta que Engels, não se confundindo com Marx, tinha brilho próprio e sempre deu provas de grande autonomia intelectual.” (NETTO, 2020, p. 32).

Federal do Triângulo Mineiro), em suas respectivas sínteses teóricas socializadas com a comunidade acadêmica⁹ e com militantes do MESS.

Além de nos ancorarmos no conteúdo de uma pesquisa prévia (ZANELLI, 2019) e nas projeções de continuidade da pesquisa registradas em um projeto¹⁰ de mestrado em andamento, situamos este conjunto de reflexões especialmente a partir dos estudos realizados no âmbito de uma disciplina cursada no programa de pós-graduação com o qual mantemos vínculo atual¹¹.

Dividido em dois tópicos, o material assim foi organizado: um primeiro debate sobre o significado social da pesquisa em Serviço Social no Brasil e sua relação com a tradição marxista e o legado marxiano, como processo estruturante da direção social hegemônica na categoria profissional – discussão precedida de uma breve contextualização conjuntural; uma segunda exposição relacionada à práxis política na ação organizada de estudantes de Serviço Social no Brasil (trajetória reconhecida e legitimada por sua implicação na construção da profissão), junto à discussão que trata da relevância da produção de conhecimentos sobre o tema.

Ao longo das seções do artigo, articulamos os debates em tela com referências ao pensamento de Marx e Engels, abordando elementos históricos da construção política do MESS, resgatando e reafirmando as teses que: identificam o significado das lutas de estudantes de Serviço Social no Brasil como fundamentais para a defesa do projeto profissional e de

⁹ Além da síntese registrada em Zanelli e Caputi (2020), principalmente os seguintes artigos reúnem com abordagem mais específica em relação ao tema do Movimento Estudantil de Serviço Social, reflexões construídas neste processo à que nos referimos:

FORNAZIER MOREIRA, Tales Willyan; CAPUTI, Leslie; SILVA, Gabriele Ponciano da; ZANELLI, Lucila de Souza. Movimento Estudantil e dimensão político-organizativa: um debate necessário na formação profissional em Serviço Social. **Emancipação**, v. 19, n. 2, p. 01-16, 2019. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao/article/view/11013/209209211416>. Acesso em: 15 de abr. 2022. ZANELLI, Lucila de Souza; RODRIGUES, Brenda Soares; SILVA E BRIGO, Bruna Alexandra; COSTA, Ana Carla; SILVA, Leticia Fernanda Alves. Consciência e formação profissional em Serviço Social: ação política do movimento estudantil em cena. **Serviço Social em Perspectiva**, v. 04, n. especial, p. 417-428, 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/sesoperspectiva/article/view/1430/1637>. Acesso em: 15 de abr. 2022.

¹⁰ Título: “Movimento estudantil e produção do conhecimento: elementos para o fortalecimento estratégico do projeto ético-político do Serviço Social”. Com auxílio financeiro (bolsa parcial) pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/CAPES (vigente desde o segundo semestre de 2021).

¹¹ Disciplina “O método em Marx”, ministrada pela Prof.^a Dr.^a Maria Beatriz da Costa Abramides, no PPGSS na PUC/SP.

formação profissional críticos e que nos apresentam o convite a um maior investimento nessa área de pesquisa.

Postas as contradições de profunda complexidade no terreno em que se movimentam as lutas atualmente, esperamos alcançar em especial, a base militante que segue empenhada em manter viva esta história do MESS que é também a história da profissão. Por essa razão, o debate que realizamos está sustentado em um interesse político bem demarcado – qual seja, mais objetivamente, o do reforço crítico do direcionamento social do Serviço Social reconhecendo as limitações circunscritas a sua condição de profissão, porém, nos implicando na construção política que atravessa a sua conformação no movimento da vida social.

Finalizamos com elementos conclusivos que nos indicam a riqueza de um legado político que não pode ter o escopo de suas inumeráveis potencialidades tratadas em poucas páginas, pois se constitui como instrumento de lutas de muitas gerações, e materializa-se historicamente na dialética da vida concreta.

2. Significado social da pesquisa para o serviço social e sua vinculação com o pensamento de Marx e Engels: luta de classes, conjuntura político-econômica e mediações socioprofissionais.

“Consciência política, porém, não é o mesmo que consciência teórica”
José Paulo Netto

O capitalismo em sua fase madura na vigência monopólica e imperialista, numa conjuntura de crise econômica, política, social e sanitária (no contexto da pandemia mundial da COVID-19), fortemente caracterizada pelo ultraconservadorismo, pela radicalização neoliberal (incluindo-se aí a privatização e precarização do Ensino Superior público), demonstra sinais de um sistema que se estrutura com base no esgotamento de qualquer possibilidade civilizatória, como aponta Netto (2013, p. 23):

[...] nos últimos quarenta anos, o modo de produção capitalista experimentou transformações de monta, que se refratam distintamente nas diversas formações econômico-sociais em que se concretiza e que exigem instrumentos analíticos e

heurísticos mais refinados. [...] duas inferências parecem-me inquestionáveis: 1ª. nenhuma dessas transformações modificou a essência exploradora da relação capital/trabalho; pelo contrário, tal essência, conclusivamente planetarizada e universalizada, exponencia-se a cada dia; 2ª. a ordem do capital esgotou completamente as suas potencialidades progressistas, constituindo-se, contemporaneamente, em vetor de travagem e reversão de todas as conquistas civilizatórias.

As transformações societárias que ganham formas concretas nos tempos atuais conformam um leque de dimensões que nos desafiam na tarefa da análise de conjuntura, porque elas “[...] envolvem a totalidade social, configurando a sociedade tardo-burguesa que emerge da restauração do capital” (ibidem).

O projeto restaurador alicerçado no tripé “flexibilização, desregulamentação e privatização” (ibidem) não se consolida em níveis localizados e dispersos; abrengem sim o conjunto das relações sociais. A partir do referencial crítico da profissão acumulado sobre o tema, não é uma surpresa contudo, pontuar que este cenário conforma, minimamente, refrações que incidem numa piora significativamente regressiva das condições de vida e trabalho da grande massa da população.

O conjunto das múltiplas expressões da “questão social”¹² que emergem dos embates desta sociedade na qual trabalho e capital chocam-se, tem uma dimensão política a qual não podemos suprimir, sob o risco de reforçar-se tão somente o caminho da barbárie como alternativa.

¹² “[...] a questão social, específica da ordem burguesa e das relações sociais que a sustentam, é apreendida como expressão ampliada da exploração do trabalho e das desigualdades e lutas sociais dela decorrentes: o anverso do desenvolvimento das forças produtivas do trabalho social. Sua produção/reprodução assume perfis e expressões historicamente particulares na cena contemporânea latino-americana. Requer, no seu enfrentamento, a prevalência das necessidades da coletividade e dos trabalhadores, o chamamento à responsabilidade do Estado e a afirmação de políticas sociais de caráter universal, voltadas aos interesses das grandes maiorias, condensando um processo histórico de lutas pela democratização da economia, da política, da cultura na construção da esfera pública”. (IAMAMOTO, 2008, p. 162).

Partindo da concepção de Yamamoto, ainda se faz necessária a contextualização sobre o recurso ao uso das aspas que envolve a categoria “questão social”, que se justificam na concordância das formulações críticas de Netto (2013, p. 06): “As vanguardas operárias acederam, no seu processo de luta, à consciência política de que a ‘questão social’ está necessariamente colada à sociedade burguesa: somente a supressão desta conduz à supressão daquela. A partir daí, o pensamento revolucionário passou a identificar, na própria expressão ‘questão social’, uma tergiversação conservadora e a só empregá-la indicando este traço mistificador. Daí, pois, as aspas que utilizo sempre que a emprego.”

O neofascismo tem ganhado força em escala mundial e, em nosso país, o caminho que pavimentou a consolidação do projeto bolsonarista pautado no negacionismo, na submissão ao imperialismo e sem qualquer perspectiva de soberania nacional, nos direcionou a um cenário de profunda miséria e devastação da vida de milhões de brasileiros, de forma avassaladora.

Com a alta dos preços de produtos básicos para a população, vimos, em progressão assustadora, a procura por restos de açougue – como carne de quinta categoria, pés de galinha, ossos bovinos e suínos –, culminando nas reviradas de lixo nacionalmente televisionadas feitas por pessoas em busca de restos de alimentos para preparar o que talvez seja a única refeição do dia de uma família. (2021: MARCHA..., 2021).

Ademais do contexto de insegurança alimentar, podemos constatar inumeráveis ofensivas do capital sobre o trabalho, sejam as relacionadas aos direitos sociais e civis que haviam sido previstos na nossa frágil Constituição Federal de 1988 e às condições de vida do grande contingente populacional que vive do trabalho, ou sejam as situadas no campo das condições de luta, resistência e enfrentamento dessa lógica destrutiva.

Há muito, na tradição marxista, fundamentada na raiz das elaborações marxianas, a barbárie tem sido enunciada como possibilidade a ser enfrentada, demarcando a necessidade urgente de construirmos uma alternativa à destruição (inclusive, dos recursos naturais do planeta) promovida pela burguesia na ordem do capital, posto que

[...] é largo o leque de fenômenos contemporâneos que indicam o exaurimento das possibilidades civilizatórias da ordem tardia do capital – ou, para dizê-lo de outro modo, para atestar que esta ordem só tem a oferecer, contemporaneamente, soluções barbarizantes para a vida social. (NETTO, 2013, p. 26).

O processo de organização política da classe trabalhadora constitui-se propriamente no âmago dessas contradições, e não apartado delas. Não podemos afirmar que não há resistência; mas as condições de enfrentamento à ordem societária vigente perpassam contradições de caráter bastante adverso para as forças populares antagônicas ao projeto burguês.

Nas diversas frentes de luta e seus instrumentos, as organizações clássicas de trabalhadores e trabalhadoras (partidos políticos e sindicatos) são marcadas por desafios no âmbito da objetividade e da subjetividade e, os movimentos sociais que vinculam as lutas

particulares a um projeto de construção de uma nova ordem societária antagônica ao capitalismo, estão na mesma seara – ressalvadas as devidas particularidades de cada forma de organização política.

Em linhas muito gerais, sublinhamos processos nos quais a profissão se move.

O Serviço Social se gesta e se desenvolve como profissão reconhecida na divisão social do trabalho, tendo por pano de fundo o desenvolvimento capitalista industrial e a expansão urbana, processos esses aqui apreendidos sob o ângulo das novas classes sociais emergentes – a constituição e expansão do proletariado e da burguesia industrial – e das modificações verificadas na composição dos grupos e frações de classes que compartilham o poder de Estado em conjunturas históricas específicas. (IAMAMOTO, 2014, p. 83).

A profissão conforma-se é no movimento da realidade, a partir de variadas determinações no plano sócio-histórico, econômico, político e cultural, no terreno da sociedade marcada pela divisão de classes sociais, as quais vivem em permanentes embates, dado que são antagônicas (ABRAMIDES, 2019, p. 33).

A quadra histórica contemporânea impulsiona-nos a um combate coletivo teórico, político e programático que se orienta: a) por lutar incessantemente contra o neoliberalismo e o conservadorismo; b) a favor das políticas sociais públicas universais e estruturantes de emprego; c) pela reforma agrária e urbana; d) pelo salário igual para trabalho igual; e) contra a destruição e precarização das relações de trabalho; f) contra a criminalização dos movimentos sociais; g) contra a exploração do trabalho humano; h) contra todas as formas de opressão social, preconceito, discriminação de classe, gênero, raça, etnia e orientação sexual; i) pela soberania nacional; j) contra a ALCA (Área Livre de Comércio das Américas); k) pelo ensino público, laico, estatal, gratuito, de qualidade, para todos e em todos os níveis, na direção do fim da escola de classes, como projeção, e que atenda aos trabalhadores inseridos na produção e fora dela, como os trabalhadores desempregados, mas que só tem a vender sua força de trabalho, os quais constituem a maioria da população. (ibidem, p. 37-38).

Este sistemático conjunto de bandeiras de luta se constitui como pauta elaborada na coerência da direção sociopolítica que temos construído na profissão, direção essa que tem como marco histórico o "Congresso da Virada" (1979).

Em breves considerações aqui tecidas sobre o Movimento de Reconceituação latino-americano¹³ com base em Netto (2009a), inicialmente ganha terreno na profissão a teoria positivista e sua visão de homem e mundo; tirando dela as bases para sua intervenção, o Serviço Social se reproduz consoante aos requisitos da classe dominante, com práticas e discursos de culpabilização dos indivíduos, naturalizando as relações de exploração e opressão. Essa realidade sofre transformações durante a realização dos Seminários temáticos que se iniciaram em 1963; com o Seminário de Araxá podemos identificar uma vertente de modernização conservadora, ancorada nos princípios fenomenológicos e do existencialismo.

Nos anos seguintes, no contexto da autocracia burguesa, com forte repressão às organizações da classe trabalhadora, esse movimento continua a se desenvolver, mas aponta ainda limitações e apresenta uma fase de reatualização do conservadorismo, em que ganham espaço teorias norte-americanas, pautadas principalmente em Mary Richmond, com uma proposta que se agregava a intervenção em “caso, grupo e comunidade”, priorizando a individualidade na intervenção profissional. Os Seminários continuaram a ser construídos e em meados de 1980, a categoria profissional se aproxima do materialismo histórico dialético, inicialmente de forma enviesada, sem recorrer diretamente à obra marxiana, o que culminou em uma leitura vulgarizada do método em Marx. Não obstante, como fruto deste processo, temos construído atualmente, por meio dos espaços coletivos, os pilares de um projeto de profissão vinculado a um projeto mais amplo, ou seja, a um projeto de sociedade.

Vale sublinhar como os estudos sistematizados no clássico “Relações sociais e Serviço Social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica” (IAMAMOTO; CARVALHO, 2014) se objetivam como uma “obra seminal”, que se configura “*enquanto empreendimento de análise histórica*” profundamente significativo para o movimento de conformação do nosso chamado “PEP” (NETTO, 2016, p. 55, grifo do autor).

¹³ Aqui explicita-se um processo em que a categoria profissional produz reflexões e análises sobre seus próprios referenciais teórico-metodológicos norteadores, em um contexto de consolidação da profissão, quando se apresentam demandas atreladas ao desenvolvimento do modo de produção capitalista e o conjunto das relações sociais próprias desse modo de produção e reprodução social da vida.

Encorpendo uma proposta de rompimento com a tradição conservadora na profissão (NETTO, 2009a), abrem-se caminhos a uma renovação substantiva, que se diferencia das pregressas movimentações profissionais que perpassaram o Movimento de Reconceituação latino-americano. Logo:

[...] é a vertente de intenção de ruptura que possibilita a interlocução com a teoria marxista na década de 1980 e seu amadurecimento na década seguinte, e propicia os elementos teóricos, éticos e políticos fundamentais para a conformação do atual projeto profissional hegemônico do Serviço Social brasileiro. Este projeto é denominado como Projeto Ético-Político (PEP), o qual, concorde com José Paulo Netto (1999), se estrutura a partir do processo da recusa e crítica ao conservadorismo na profissão; rejeita os ideários conservadores – que foram referência para o Serviço Social tradicional desde sua gênese no país – e se vincula a outra perspectiva de formação e exercício profissional que, não obstante, também está alinhada a um ideal de projeto societário a ser construído. (FORNAZIER MOREIRA; CAPUTI, 2016, p. 100).

A realização do III Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais (CBAS) em 1979, que ficou conhecido como o “Congresso da Virada”, é um marco no reconhecimento de nossa condição de classe trabalhadora, bem como do significado político do trabalho das assistentes sociais, pautado no compromisso com os interesses gerais de trabalhadores e trabalhadoras.

Essa renovação se expressa no Código de Ética de 1986 e posteriormente, aparece mais amadurecida no Código de Ética de 1993, acompanhado da construção do projeto de formação profissional que emerge com a proposta do Currículo Mínimo de 1982 e os posteriores avanços consolidados na dinâmica de construção coletiva das Diretrizes Curriculares da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS) em 1996.

O marco da redefinição do projeto profissional dos anos 80 foi o tratamento dispensado ao significado social da profissão, enquanto especialização do trabalho coletivo, inserido na divisão social e técnica do trabalho. Esta perspectiva destaca, fundamentalmente, a historicidade do Serviço Social, entendido no quadro das relações sociais entre as classes sociais e destas com o Estado. Implica, pois, em compreender a profissão como um processo, vale dizer, ela se transforma ao transformarem-se as condições e as relações sociais nas quais ela se inscreve. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO E PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL, 1996, p. 05).

Atualmente, a categoria profissional segue perseguindo a materialização deste projeto ético-político, em um cenário de luta de classes, ou seja, num contexto no qual as tensões e embates no interior da categoria profissional são marcados pelos interesses de classe em disputa, em constante movimento, partindo da premissa da centralidade do trabalho¹⁴ no processo de desenvolvimento do ser social, síntese construída e registrada na nova lógica curricular da profissão:

A formação profissional expressa uma concepção de ensino e aprendizagem calcada na dinâmica da vida social, o que estabelece os parâmetros para a inserção profissional na realidade sócio-institucional. A presente proposta parte da reafirmação do trabalho como atividade central na constituição do ser social. As mudanças verificadas nos padrões de acumulação e regulação social exigem um redimensionamento das formas de pensar/agir dos profissionais diante das novas demandas, possibilidades e das respostas dadas. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO E PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL, 1996, p. 08).

O Serviço social brasileiro se configura neste campo de contradições e na dinâmica de uma sociedade fundada na alienação, na exploração do trabalho sobretudo através da escravização de negros e negras arrancados do continente africano, bem como no colonialismo e múltiplas formas contemporâneas de opressões. Nesse terreno, é salutar destacar:

É somente na ordem societária comandada pelo monopólio que se gestam as condições histórico-sociais para que, na divisão social (e técnica) do trabalho, constitua-se um espaço em que se possam mover práticas profissionais como as do assistente social. A profissionalização do Serviço Social não se relaciona decisivamente à “evolução da ajuda”, à “racionalização da filantropia” nem à “organização da caridade”; vincula-se à *dinâmica da ordem monopólica*. [...] enquanto profissão, o Serviço Social é indivorciável da ordem monopólica – ela cria e funda a profissionalidade do Serviço Social. (NETTO, 2011, p. 73-74, grifo do autor).

¹⁴ “O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele se confronta com a matéria natural como com uma potência natural [*Naturmacht*]. A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeça e mãos. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências que nela jazem latentes e submete o jogo de suas forças a seu próprio domínio. [...] Pressupomos o trabalho numa forma em que ele diz respeito unicamente ao homem”. (MARX, 2017, p. 255-256).

Como categoria profissional gestada neste contexto, orientada a mediar o enfrentamento das expressões da “questão social”, é que temos delineado, hegemônica e historicamente, uma direção social vinculada às lutas da classe trabalhadora (da qual nos reconhecemos como parte), o que pressupõe a escolha pela ruptura com o conservadorismo. Assumimos um compromisso ético-político com o fortalecimento e articulação junto às organizações políticas que comungam dos nossos princípios fundamentais. (CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL, 2012, p. 130).

É nessa dinâmica da vida social que estudantes se constituem como sujeitos nos principais embates travados pelas assistentes sociais brasileiras diante às implicações que sofre o Serviço Social no processo do reordenamento do capital, na contramão de tendências do apassivamento das lutas de classes.

Porém, Duriguetto alerta para o fato de que, a conjuntura pós-anos 1990, marcada por profundas transformações no mundo do trabalho, imputa-nos relações precarizadas de trabalho sob a égide neoliberal, com uma pressão à delimitação da nossa atuação ao campo da “administração da miséria”, sufocando a dimensão intelectual da profissão (2014, p. 182), portanto, capturando possibilidades de tensionamento e disputa nos espaços sócio-ocupacionais que nos inserimos, como reforço à tecnificação do Serviço Social.

Nesse ínterim, situa-se a ofensiva da lógica privatista e precária da educação nos marcos de uma radicalização neoliberal, ao que a autora supracitada nos conclama ao “[..] fomento de intervenções profissionais nos processos de mobilização e organização popular [...]” (DURIGUETTO, 2014, p. 183), como estratégia de enfrentamento dessa realidade.

Situadas tais premissas mais gerais, o campo dos debates acerca da dimensão investigativa no Serviço Social pode ser apreendido em suas particularidades. Netto (2009b) enumera três processos essenciais para o desenvolvimento de uma práxis política do Serviço Social na perspectiva da investigação crítica, sustentada no método em Marx, quais sejam:

[possuir uma] visão global da dinâmica social concreta; [...] encontrar as principais mediações que vinculam o problema específico com que se ocupa com as expressões gerais assumidas pela ‘questão social’ no Brasil contemporâneo e com as várias políticas sociais (públicas e privadas) que se propõem a enfrentá-las [e] apropriar-se

criticamente do conhecimento existente sobre o problema específico com o qual se ocupa (ibidem, p. 32-33).

Nessa direção, o processo de construção do Serviço Social reconhecido como profissão regulamentada e como área de conhecimento não pôde e não pode prescindir de um investimento investigativo, sobretudo considerando os projetos profissionais em disputa e tensões constantes que ameaçam as conquistas construídas em um percurso histórico ainda em desenvolvimento.

Vale destacar a vinculação do Serviço Social com a obra marxiana e a tradição marxista e as repercussões oriundas de tal relação: “a inserção do pensamento de Marx contribuiu decisivamente para oxigenar o Serviço Social brasileiro e, desde então e apesar de tudo, constitui-se nele uma nova geração de pesquisadores que se vale competentemente das concepções teórico-metodológicas de Marx”. (ibidem, p. 30).

Iamamoto (2014) também destaca com propriedade o significado das conquistas emergentes dessa relação que a profissão estabelece com a teoria social crítica, o que nos denota a tarefa contemporânea de preservação e consolidação de um legado, diante da qual estamos desafiadas a nos implicar. Reproduzimos na íntegra o trecho da reflexão desenvolvida pela autora, posto que captura a ordem do problema sobre o qual estamos nos debruçando:

O debate do Serviço Social brasileiro tem sido polarizado por um duplo e contraditório movimento: o mais representativo impulsiona o processo de ruptura teórica e política com o lastro conservador de suas origens. Em sinal contraditório, verifica-se o revigoramento de uma reação (neo)conservadora aberta e/ou disfarçada em aparências que a dissimulam, como já indicou Netto (1996), apoiada no lastro da produção pós-moderna e sua negação da sociedade de classes. Mas, nas três últimas décadas, construímos coletivamente um patrimônio sociopolítico e profissional que atribui uma face peculiar ao Serviço Social brasileiro no cenário da América Latina e Caribe e no circuito mundial do Serviço Social. *O núcleo desse patrimônio é a compreensão da história a partir das classes sociais e suas lutas, da centralidade do trabalho e dos trabalhadores. Ele foi alimentado teoricamente pela tradição marxista - no diálogo com outras matrizes analíticas - e politicamente pela aproximação de forças vivas que movem a história; as lutas e movimentos sociais.* (p. 612-613, grifo da autora).

São basilares os investimentos nos estudos acerca dos fundamentos da profissão, pois tal direção expressa por Iamamoto é fruto também do estreitamento da categoria profissional

justamente com a teoria social fundada por Marx, a qual nos fornece uma análise da sociedade burguesa – essa que é o chão histórico da emergência do Serviço Social.

Sobre o significado social dos processos investigativos e a realização de pesquisas para a categoria profissional, apontamentos consolidados encontram-se em Guerra (2009, p. 03).

[...] no cumprimento das atribuições e competências socioprofissionais, há que se realizar permanentemente a pesquisa das condições e relações sob as quais o exercício profissional se realiza, dos objetos de intervenção, das condições e relações de vida, trabalho e resistência dos sujeitos sociais que recebem os serviços. Faz-se necessário não apenas coordenar e executar políticas sociais, projetos e programas, mas também avaliá-los, coordenar pesquisas, realizar vistorias, perícias e laudos, emitir parecer técnico, formar assistentes sociais. Aqui se reconhece e se enfatiza a natureza investigativa das competências profissionais. Mais do que uma postura, o caráter investigativo é constitutivo de grande parte das competências/atribuições profissionais.

E Abramides (2019), precursora nos estudos da relação da profissão com movimentos sociais e da própria organização política de assistentes sociais, também nos oferece apontamentos centrais como premissas do debate.

A referência teórica, portanto, é propulsora da práxis cotidiana e da perspectiva ontológica que supõe o fim da sociedade de classes, da propriedade privada dos meios de produção, da exploração do homem pelo homem, que traz como possibilidade histórica a supressão positiva do capital, a dissolução do Estado, na auto-organização livre dos indivíduos sociais. (p. 35).

É com base no conjunto deste referenciado repertório crítico que reforçamos a importância de nos debruçarmos coletivamente sobre o processo de produção, socialização e apropriação de conhecimentos no âmbito da categoria profissional – sobretudo, no que diz respeito à direção sociopolítica à que se vinculam tais estudos, já que “[...] o projeto ético-político (como uma projeção) pressupõe, em si mesmo, um espaço democrático, aberto, em construção e em permanente tensão e conflito.” (BRAZ, 2008, p. 82).

Ainda em consonância à perspectiva desse referido autor, a articulação indissociável entre as dimensões que conferem materialidade ao Projeto ético-político do Serviço Social (quais sejam: político-organizativa, jurídico-político e de produção de conhecimentos no interior da profissão) condiciona-nos a um enfrentamento da realidade posta em uma direção

crítica; direção esta que não está dada, logo, nos demanda a investidura constante na investigação no campo das pesquisas científicas e análise crítica da realidade na qual intervimos.

A propósito dos embates com os quais nos defrontamos política e profissionalmente, vale pontuar inclusive, momentos do percurso de vida de Karl Marx, defrontado com situações adversas na vida social. Uma profunda coerência marca a trajetória deste pensador que reivindicamos e, julgamos pertinência em pontuar, ainda que muito brevemente, componentes da biografia de Marx, em razão do fato de que precisamos concebê-lo como um sujeito que desenvolveu sua intelectualidade na dinâmica de um determinado momento histórico.

Para dizer de alguns desses momentos, podemos citar com base em Netto (2012) quando: por volta de 1842, em uma Alemanha ainda não constituída como um Estado nacional moderno e marcada por algum atraso relacionado ao desenvolvimento da autonomia política e econômica de outros territórios (apesar da herança de Hegel no campo da filosofia clássica), Marx, ingressa como colaborador no jornal Gazeta Renana com pretensões democráticas e de enfrentamento a essa “miséria alemã”. Vê-se que Marx se empenha num processo de confronto ao cenário instituído na sua realidade histórica.

Ou ainda quando: diante da censura posteriormente imposta ao jornal e do gesto de rendição dos outros editores, Marx se antecipa na desvinculação com a Gazeta Renana: faz uma escolha política diante à ausência de condições favoráveis à resistência. Identificando os limites do liberalismo, Marx opta por vincular-se com as lutas operárias e torna-se um comunista. Viveu as contradições que o tempo lhe legou e a partir delas se implicou num movimento de transformação – de si, mas que forneceram subsídios à luta revolucionária na direção da sociedade comunista.

Nascido em 05 de maio de 1818, em Trier, na Alemanha (NETTO, 2020, p. 39) Marx tornou-se para nós o que José Paulo Netto denominou como o “teórico do capitalismo”, formulador de concepções teórico-metodológicas que inspiram e orientam movimentos políticos à superação desta nefasta ordem que se mundializou.

Compreendo a obra de Marx como a fundação da teoria social revolucionária, e não uma síntese enciclopédica de conhecimentos que, em época posterior, constituirão os

saberes autônomos e próprios das ciências sociais, saberes configurados originalmente na academia europeia na segunda metade do século XIX e que, ainda hoje, desenvolvidos, hegemonomizam o mundo universitário de modo geral. [...] Tomo a concepção teórico-metodológica que Marx elaborou, ao alcançar a plenitude na sua madurez, como concepção radicalmente revolucionária, seja enquanto expressão ideal, seja enquanto diretriz prático-política. (ibidem, p. 32-33).

Tais concepções teórico-metodológicas eximem-se de quaisquer resquícios de neutralidade no seu interior. No intento de reafirmar essa mesma prerrogativa, nos preocupamos, portanto, com o estudo sobre o conteúdo político da produção de conhecimento na profissão, já que abarcam importantes apontamentos sobre a nossa relação com as lutas com às quais nos vinculamos.

Consoante às provocações de Yazbek (2019, p. 87, grifo da autora):

Como lutar pela liberdade, pela equidade, pela justiça, pela construção de direitos, contra práticas racistas e homofóbicas, entre outros aspectos, nesse contexto? Como levar adiante esse embate? Luta desigual, mas que deve nos encontrar preparadas(os). Luta que só se luta no coletivo – um traço dessa nossa história, mas que deve ser de cada um, todos os dias. Luta que supõe o estudo, a pesquisa e o debate: não há melhor caminho para qualificar o trabalho da profissão e seu projeto ético-político que o estudo, a pesquisa e o debate.

É defronte tais desafios que pautamos a importância do fortalecimento de pesquisas que se propõem à investigação sobre o MESS e, acreditamos que a trajetória de Marx e Engels, sua teoria e método configuram um legado que vem a servir não como mera inspiração revolucionária desprovida de significado concreto, mas sim como instrumento de edificação para processos de lutas reais – como as de estudantes universitários – constituintes de um amplo projeto de sociedade que enfrente o capital e possibilite a construção de novas relações sociais, na perspectiva da emancipação humana.

O próprio Marx, em declaração encontrada ao final do Prefácio dos escritos em “Para a Crítica da Economia Política”, diz: “[...] minhas opiniões, sejam julgadas como forem e por menos que coincidam com os preconceitos ditados pelos interesses das classes dominantes, são o resultado de uma pesquisa conscienciosa e demorada.” (MARX, 1999, p. 54). Com essa menção, buscamos salientar que o cumprimento das tarefas sublinhadas acima por Takbek, na direção que aqui propomos, nos convoca a demarcar com exatidão as dimensões técnica, teórica

e ideológica que envolvem nossa dinâmica de construção do conhecimento, consolidada em “atividades e atitudes: de pesquisa bibliográfica disciplinada, crítica e ampla; de articulação criativa; e de humildade” (DESLANDES, 2016, p. 33-34).

Com uma vasta produção que matura ao longo dos anos, Marx, em seu processo de estudos juntamente com Engels, nos proporciona o acesso a manuscritos reunidos em inumeráveis páginas, mas que nos legam uma contribuição política, consolidada numa concepção de recusa com um “pensar abstrato” e com a mera contemplação que se encontrava tradicionalmente no campo da filosofia – ainda que sob formas diversificadas –; contrariamente, destaca a transformação do mundo como questão de real importância (MARX apud NETTO, 2012, p. 166): para o Serviço Social, considerando o fundamento central de sua existência objetiva – a questão social – tal formulação crítica não poderia ser mais oportuna possível.

3. Ação política do movimento estudantil de serviço social e a produção de conhecimentos sobre o tema

Pensar é um exercício que subverte a existência da militância para que ela jamais se acostume com a injustiça ou desanime na luta pela emancipação da humanidade.
Ranulfo Peloso

Um questionamento central fomentou a elaboração de uma cartilha produzida pela ENESSO: “A quem serve o teu conhecimento?”. Nesse panfleto, a dimensão de classe social atravessa o conjunto das reflexões ali desenvolvidas, com temas relacionados às condições de acesso e permanência no ensino superior público na atualidade: assistência estudantil, políticas de cotas, mercantilização da educação, democracia universitária.

Não podemos entender a educação deslocada da materialidade na qual ela se realiza: a sociedade de classes, pelas suas contradições e antagonismos próprios, sendo a educação, também um espaço que apresenta disputas de projetos. É sabido que uma sociedade cujo sistema é capitalista, tanto a tecnologia quanto a ciência estão incorporados ao processo produtivo, assim a educação tem sido por vários anos um foco de luta e pesquisa onde estudantes e trabalhadores se reúnem para reivindicar uma política de ensino superior de qualidade, mas com fins emancipatórios que não responda apenas aos interesses do mercado. A universidade é essencial para a produção de conhecimento, a formação de saberes e o despertar do senso crítico,

sendo fundamental para a construção de novos homens e mulheres e novas possibilidades de sociabilidade devido o poder que ela adquiriu. (EXECUTIVA NACIONAL DE ESTUDANTES DE SERVIÇO SOCIAL, 2015, p. 01).

Ao demarcar o terreno de disputas sobre a qual o ensino superior situa-se, a ENESSO potencializa as possibilidades de enfrentamento ao processo de apropriação privada do conhecimento socialmente produzido. A cartilha é bastante representativa dos acúmulos políticos que são historicamente construídos e que atravessam o processo de renovação do Serviço Social brasileiro, contando com a incidência da organização política do setor estudantil.

É válido articularmos o problema apontado pela ENESSO à seguinte formulação de Marx:

A arma da crítica não pode, é claro, substituir a crítica da arma, o poder material tem de ser derrubado pelo poder material, mas a teoria também se torna força material quando se apodera das massas. (MARX, 2013, p. 157.).

A crítica do projeto de educação burguês perpassa o conhecimento do sociometabolismo do capital e, encontramos na teoria social de Marx, os subsídios fundantes para tal processo, de maneira que a dimensão teórica tem lugar fincado na luta política. Registre-se por exemplo, que os estudos de Marx perpassaram desde sua juventude até os anos finais de sua vida¹⁵ e, em colaboração mútua com Engels, nos legaram um conhecimento da sociedade moderna que redimensiona as projeções futuras de possibilidades de superação da ordem vigente.

A direção sociopolítica hegemônica na categoria profissional – com destaque para sua construção protagonizada pelas entidades representativas¹⁶ do Serviço Social nessa dinâmica – também é construída em uma processualidade histórica, que inclusive, como sublinhado, não se constituiu ou constitui à revelia da participação política de estudantes.

Retomando aspectos sobre a história da organização política estudantil, é de fundamental relevância recordarmos as ofensivas lançadas contra as mobilizações e lutas

¹⁵ “A teoria marxiana não se elaborou de um só golpe: penso que ela demandou pelo menos um decênio e meio, a partir de 1844, para se erguer e, nesse processo constituinte, implicou *giros e revisões, continuidades e mudanças*, todavia plasmando-se unitariamente.” (NETTO, 2020, p. 32, grifo do autor).

¹⁶ Nos referimos ao Conjunto CFESS/CRESS (Conselho Federal de Serviço Social e Conselhos Regionais de Serviço Social), à ABEPSS e à ENESSO.

populares, desferidas também àquelas vinculadas à educação, nos tempos da dura autocracia burguesa em nosso país. Conforme Netto (2009a, p. 58):

Entre 1964 e 1968 a política educacional da ditadura militar materializou a sua intenção de controle e enquadramento implementando praticamente a destruição de instrumentos organizativos do corpo discente, promovendo um clima de intimidação no corpo docente [...] e, muito especialmente, reprimindo com furor inaudito as propostas, experiências, movimentos e instituições que ensaiavam e/ou realizavam alternativas tendentes a democratizar a política, o sistema e os processos educativos, vinculando-os às necessidades de base da massa da população. O nível de violência acometida está na razão direta da ponderação que tais movimentos e experiências ganhavam no bojo do processo de democratização que se operava na sociedade e no Estado: era preciso exemplarizar os movimentos democráticos e populares abortando a inovadora projeção da Universidade de Brasília, exilando Paulo Freire, ilegalizando a União Nacional dos Estudantes (UNE), desmantelando o Movimento de Educação de Base (MEB) etc.

O combate contra o Movimento Estudantil e outros sujeitos coletivos que não se submeteram às ofensivas imperialistas e autocráticas que construíram resistência e somaram esforços na luta pela redemocratização nos marcos da sociedade burguesa foi ferrenho. A título de menção, lembramos episódios como a destruição da sede da União Nacional dos Estudantes (UNE).

Ainda conforme Netto (ibidem, p. 101), “[...] o saldo do ciclo autocrático burguês para a massa do povo brasileiro, resume-se num desastre nacional.” No entanto:

É evidente, contudo, que este funesto legado ditatorial possui a sua contraface. Ainda que tenha encontrado mecanismos para modelar a escola, em todos os níveis, conforme o seu projeto “modernizador”, e tenha estabelecido sobre ela eficientes dispositivos de controle, o regime autocrático burguês deflagrou processos de resistência e oposição – e vimos que um de seus resultantes, já nos anos setenta foi a emergência de uma nova crítica sobre a educação brasileira. (ibidem, p. 102.).

Foi neste mesmo período do final da década de 1970 que se operou a rearticulação dos movimentos sociais e organizações da classe trabalhadora na cena pública. O MESS também trilhou os caminhos de [re]construção¹⁷ da sua estrutura organizativa.

¹⁷ Os estudos de Santos possibilitaram situar mobilizações do MESS progressas ao período da autocracia burguesa, por volta dos anos 1950: “Encontramos registros históricos da existência do CAISS – Centro Acadêmico do Instituto de Serviço Social – atual Centro Acadêmico 3 de março da FAPSS/SP, cujo documentos são datados de

Enquanto entidade máxima de representação de estudantes de Serviço Social do Brasil, a ENESSO conforma-se, atualmente, sob uma estrutura organizativa própria, e estabelece finalidades e princípios (EXECUTIVA NACIONAL DE ESTUDANTES DE SERVIÇO SOCIAL, 2013) que nos permitem identificar o direcionamento sócio-político da entidade.

No *site* oficial da ENESSO, encontram-se reunidas algumas produções acadêmicas que abordam o MESS como tema de pesquisa¹⁸. Um deles é de autoria de Tiago Santos, que atuou na ENESSO por volta da segunda metade dos anos 2000, pesquisa que trata a história da participação política estudantil, sistematizada em seu trabalho de conclusão de curso. Cabe reiterar um apelo feito por esse pesquisador (2007, p. 112): “Sugerimos que o tema da organização política dos estudantes de serviço social nas décadas anteriores a realização do I ENESS¹⁹/1978 seja objeto de pesquisa minuciosa, pois constitui parte da história do MESS.”

Apesar de não nos propormos diretamente a tal ensejo, resgatamos a colocação do pesquisador por nos identificarmos com a preocupação de fundo relacionada ao fortalecimento das pesquisas sobre o tema e, ainda, porquê ela nos provoca a refletir sobre a diversidade de processos que podem ser desvelados ao estudar este universo da organização política de estudantes de Serviço Social no Brasil.

Na atualidade, registramos uma iniciativa que encontra ressonância nas provocações de Santos, até mesmo as superando: o projeto “Memória MESS”, encabeçado pelo Grupo de Trabalho e Pesquisa (GTP) Movimentos Sociais e Serviço Social da ABEPSS, que objetiva:

[...] construir um acervo público do Movimento Estudantil em Serviço Social (MESS) a ser disponibilizado no *site* da ABEPSS. Para tanto, este acervo deverá conter a principal bibliografia produzida sobre o tema, cujo recorte temporal são os anos de 1960-2000; bem como, a realização de um curta ou média-metragem com as principais lideranças políticas do período. (GRUPO DE TRABALHO E PESQUISAS MOVIMENTOS SOCIAIS E SERVIÇO SOCIAL, 2018, p. 10).

26 de maio de 1953. No entanto no corpo do documento notamos evidências da organização política dos estudantes em sua entidade de base anterior a tal data. [...] encontramos atas de reuniões, entre elas da reunião do dia 29 de março de 1954 que demonstra a existência de uma articulação nacional entre os estudantes entorno da regulamentação do curso de Serviço Social. (SANTOS, 2008, p. 110).

¹⁸ Disponível em: <https://enessooficial.wordpress.com/textos/>. Acesso em: 17 de abr. 2022.

¹⁹ I Encontro Nacional de Estudantes de Serviço Social (ENESS).

Tais investimentos investigativos são imprescindíveis e imperativos para a história do Serviço Social Latino-Americano, pois versam sobre o processo da organização política de um segmento da categoria profissional que possui uma trajetória legitimada e que carece de endosso do seu conhecimento sobre a realidade através das aproximações sucessivas pelo conjunto da categoria profissional.

Ramos (2011, p. 119) realiza apontamentos estratégicos a respeito do significado da mobilização estudantil no bojo da profissão:

É importante destacar que tal articulação entre o exercício profissional, a formação profissional e os estudantes é uma particularidade da organização política do Serviço Social brasileiro. Os estudantes, por exemplo, não são considerados, em muitos países, partícipes das articulações profissionais como o são no Brasil, onde organizam eventos, participam de campanhas e elaboram documentos em conjunto com as demais entidades representativas da categoria. Nesse sentido, o segmento estudantil é considerado como sujeito fundamental do processo de organização política da categoria dos(as) assistentes sociais, no Brasil. Considerados como profissionais em formação, são incluídos, pelos demais segmentos da profissão, no processo de articulação e mobilização do Serviço Social.

Essa relação é valorosa em múltiplas dimensões, representando uma unidade de construção da categoria profissional que, longe de significar ausência de contradições e divergências, possibilita uma troca entre sujeitos de diferentes momentos na profissão e também a congregação de forças conjuntas para construí-la nos caminhos projetados no PEP.

Tal articulação se mostra ainda mais necessária no cenário atual, marcado pelo ultraconservadorismo, por uma profunda radicalização neoliberal - incluindo a privatização e precarização do Ensino Superior, de ataques à liberdade de cátedra e à autonomia universitária. Esse contexto implica em rebatimentos que se manifestam também na visão de mundo de estudantes do curso. No interior da ENESSO, repercutem na construção coletiva da entidade e demandam a construção de mecanismos que possam enfrentar estas ressonâncias que se apresentam em entraves à construção política democrática nas universidades.

Persistem desafios os quais permeiam o MESS e se expressam como fragilidades no campo teórico-metodológico, identificadas no estudo dos processos de construção de documentos coletivos centrais da ENESSO (ZANELLI, 2019): o Caderno de Deliberações e o

Estatuto da entidade – que reúnem, respectivamente, as resoluções sociopolíticas e a regulam forma organizativa da entidade.

Este pressuposto sobre tais fragilidades encontra fundamento central na pesquisa que nos ofereceu resultados sobre um conjunto de hiatos e dissonâncias no acúmulo da ENESSO (ZANELLI; CAPUTI, 2020): mais especificamente a partir de 2015, nota-se uma inflexão num acúmulo que é central para a luta estudantil, relacionada aos eixos²⁰ “Universidade e Educação” e “Formação Profissional”, campo de debates dentre os quais gravitam as lutas do movimento estudantil universitário.

São estes alguns dos elementos os quais nos sustentam no indicativo de necessárias tematizações passíveis de maior investimento no âmbito da luta política travada pelo MESS, e que arriscamos, inicialmente, sumariar sem pretensões de esgotamento: desenvolver análises críticas constantes sobre as condições atuais em que se tem cursado o estágio curricular em Serviço Social; aprofundar estudos sobre formas de fortalecimento da relação entre graduação e pós-graduação; promover debates amplos sobre as matrizes curriculares dos cursos de serviço social articuladas aos principais documentos que regulamentam, subsidiam e planejam²¹ as diretrizes da formação profissional e confrontá-las com a realidade brasileira, latino-americana e internacional; conhecer os processos de lutas travados pelo movimento estudantil geral e de outras áreas, além de se apropriar sobre a linha política das organizações políticas que o constroem – o que pressupõe alguma articulação que não reproduza um isolamento restrito ao campo das especificidades da nossa área; consolidar acúmulos acerca das modalidades de ensino no contexto de disputa de interesses de classe antagônicos, com a construção de uma análise crítica sistemática e consolidada do projeto de educação do capital.

A partir do método em Marx, podemos dizer que encontramos uma chave para percorrer estes caminhos, pois se “do conhecimento, não se extraem diretamente indicativos para a ação,

²⁰ Eixos da ENESSO: “Conjuntura, Movimento Estudantil, Universidade e Educação, Formação Profissional, Cultura e Combate às Opressões”. (EXECUTIVA NACIONAL DE ESTUDANTES DE SERVIÇO SOCIAL, 2019, p. 07).

²¹ Dentre os quais, destacamos: Diretrizes Curriculares ABEPSS (1996); Política Nacional de Estágio ABEPSS (2010); Código de ética do/a Assistente Social (1993); Lei de Regulamentação da Profissão (07 de junho de 1993); Subsídios para o debate sobre a questão étnico-racial na formação em Serviço Social ABEPSS (2018); A formação em Serviço Social e o Ensino Remoto Emergencial ABEPSS (2021).

para a prática profissional e interventiva [...] não se terá uma prática eficiente e inovadora se ela não estiver apoiada em conhecimentos sólidos e verazes.” (NETTO, 2009b, p. 33).

No campo da ação organizada dos sujeitos coletivos, o saldo político e o fortalecimento das lutas encontram-se atrelados a sua capacidade de elencar táticas e estratégias a partir da análise crítica do movimento do real.

Em que pesem os desafios atuais, a legitimação do MESS enquanto sujeito estratégico na construção da profissão é notória. Desta relação que se substancia na construção do projeto de formação profissional consoante às Diretrizes Curriculares da ABEPSS (1996)²², germinam cenários possíveis de uma construção que demanda uma articulação mais ampla da luta política, com protagonismo das organizações populares de trabalhadores e trabalhadoras, processo inerente ao caminho de destruição da ordem do capital, sob o qual estabeleceremos novas relações sociais. Novas, no sentido de que ainda não encontramos na realidade experiências que, apesar de caracterizarem referências às quais nos apegamos com identidade e esperança, não são mais do que ensaios das rotas para os horizontes aos quais almejamos. Ainda “somos, no máximo, indivíduos da sociedade burguesa, dispostos a destruí-la.” (IASI, 2011, p. 42).

A história do MESS – em construção permanente, que envolve sujeitos de várias gerações, e é permeada por contradições, saltos e recuos próprios da sua processualidade – abre-nos um campo passível de investigações científicas importantes para enriquecer o debate. Documentos do GTP Movimento Sociais e Serviço Social da ABEPSS indicam que pesquisar

²² Conforme ABEPSS, os princípios que sustentam as diretrizes curriculares da formação profissional em Serviço Social “[...] implicam capacitação teórico-metodológica, ético-política e técnico-operativa para a:

1. Apreensão crítica do processo histórico como totalidade;
2. Investigação sobre a formação histórica e os processos sociais contemporâneos que conformam a sociedade brasileira, no sentido de apreender as particularidades da constituição e desenvolvimento do capitalismo e do Serviço Social no país;
3. Apreensão do significado social da profissão desvelando as possibilidades de ação contidas na realidade;
4. Apreensão das demandas - consolidadas e emergentes - postas ao Serviço Social via mercado de trabalho, visando formular respostas profissionais que potenciem o enfrentamento da questão social, considerando as novas articulações entre público e privado;
5. Exercício profissional cumprindo as competências e atribuições previstas na Legislação Profissional em vigor. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO E PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL, 1996, p. 07).

a relação do Serviço Social com os movimentos sociais, de modo geral, representa um desafio na perspectiva da práxis política²³.

Conforme levantamento e sistematização da produção do conhecimento, realizado pelo mesmo GTP, nos Encontros Nacionais de Pesquisadores e Pesquisadoras em Serviço Social (ENPESS) de 2014 e 2016, apenas 3,5% são referentes ao debate do movimento estudantil (MARQUES; GUIMARÃES, 2019, p. 26).

As construções próprias do MESS são de fato um patrimônio do Serviço Social, como atestam a realidade interpretada por autoras e autores que, felizmente, nos precedem. Destacamos este compromisso político de sujeitos que pesquisaram e pesquisam sobre o movimento estudantil de Serviço Social; pesquisadores e pesquisadoras, que não por acaso, em geral têm uma trajetória militante, inclusive assumindo representações estudantis no âmbito das entidades que constituem a ENESSO. Ademais:

É interessante ressaltar que o Movimento Estudantil (ME) se estabelece como uma arena de formação política da maioria dos(as) futuros(as) dirigentes profissionais que irão atuar na Abepss e no Conjunto CFESS/Cress. Enquanto movimento social com base social transitória, o ME é um lócus, muitas vezes, de iniciação de parcelas da juventude na militância política, se configurando como um espaço de formação político-ideológica de militantes que, depois, irão atuar em outras esferas organizativas. O ME de Serviço Social, em particular, vem desenvolvendo esse importante canal de capacitação de militantes políticos que, ao saírem da graduação, continuam participando de outras entidades da categoria ou em outros espaços organizativos. (RAMOS, 2011, p. 120).

Tal constatação nos evidencia um processo de fortalecimento do PEP mediado pela ação política de estudantes, articulação que frutifica no contexto da vertente de intenção de ruptura no processo de renovação do Serviço Social no Brasil (NETTO, 2009a), desfrutando do momento da “virada” na profissão, e que hoje, se encontra diante um cenário de significativas conquistas profissionais. No campo jurídico-político, no campo da produção de conhecimentos,

²³ “No que tange ao eixo ‘Movimentos Sociais e Serviço Social’ o mapeamento quantitativo desta produção teórica revelou uma tímida produção acerca do assunto, totalizando apenas 6,7% do total de publicações. Percentual muito próximo ao verificado em eventos anteriores, porém significativamente maior do observado da segunda metade da década de 1990 ao final dos anos 2000 (3,8%). As publicações nos ENPESS de 2014 e 2016 totalizaram juntas 2.128 artigos, dos quais apenas 144 diziam respeito ao tema dos movimentos sociais.” (MARQUES; GUIMARÃES, 2019, p. 25).

no campo da dimensão político-organizativa: muitas lutas precedem o caminho que hoje se nos apresenta como possibilidade de endosso.

Como “quem sabe faz a hora, não espera acontecer”²⁴, o conjunto da produção em torno do MESS traz à tona a potencialidade da dimensão político-organizativa da nossa profissão disseminada como processo da formação profissional em Serviço social.

De acordo com Iasi (2011, p. 42) a “[...] luta das ideias e a capacidade de uma classe revolucionária apresentar suas concepções e valores, como os valores do conjunto da sociedade, antecipam-se e preparam o terreno para transformações revolucionárias.” No MESS, os sujeitos experimentam uma dimensão particular desse processo. E buscando um aporte na teoria e no método de Marx (bem como em sua trajetória militante e relação imbricada com Engels), temos vislumbrado possibilidades de constituição de lutas que pautem, além de melhores condições de estudo no ambiente universitário, a implicação na construção de um projeto societário antagônico aos ditames imperialistas que sustentam os interesses dos oligopólios da educação, propondo uma plataforma política na qual o conhecimento científico esteja subordinado aos interesses coletivos, em detrimento do que determinam as instituições financeiras de representação do mercado.

A história e relevância do MESS situa-se no conjunto das lutas gerais da classe trabalhadora brasileira e de estudantes universitários em geral. Tal trajetória não pode ser desprezada no contexto das lutas democráticas e de direção emancipatória na perspectiva de classe trabalhadora.

[...] a Universidade é, no Brasil, a maior escola de formação de líderes políticos, centro onde se moldam as consciências e mentalidades com respeito aos problemas que assoberbam o nosso país. [...] é uma tradição, no Brasil, a participação de estudantes na vida pública. Não é por outro motivo, aliás, que o movimento estudantil se tornou quase um barômetro da vida política no país. (POERNER, 1968, p. 27 e 35).

No contexto contemporâneo, tais potencialidades políticas carecem de preservação de sua memória, de investimentos investigativos quanto as condições de estudo e trabalho na

²⁴ “Pra não dizer que não falei das flores”. Música de Geraldo Vandré.

atualidade, de fortalecimento de um projeto de educação popular (a partir de interesses da classe trabalhadora e por ela construído). A análise conjuntural do atual estágio societário que nos encontramos reitera a demanda pela radicalização das lutas, de modo a interromper o ciclo vicioso do capital e reestruturar as bases de sustentação da vida social.

Em discurso proferido junto à juventude soviética, Lenin, chama atenção: “as tarefas da juventude em geral e das uniões da juventude comunista e outras organizações em particular, poderiam definir-se com uma só palavra: **aprender.**” (1920, grifo nosso).

4. [Estudantes] “trabalhadores de todo o mundo: uni-vos!” reflexões conclusivas

Muitos podem (e efetivamente o fazem) questionar a atualidade e validade do pensamento de Marx e Engels nos dias de hoje. Considerando o contexto posterior à crise do bloco socialista, com fim das políticas de Estado de Bem-Estar social²⁵ e a atual hegemonia do capital mundializado, as perspectivas de um horizonte socialista/comunista são apropriadas pelas classes dominantes e disseminadas como mera utopia e não raro, equiparadas às ditaduras nazifascistas sob a falácia de um suposto totalitarismo.

Com o caminho que percorremos até aqui, podemos indicar o campo aberto da produção de conhecimentos (e consecutivamente, sua socialização e apropriação pelo conjunto da categoria) como elemento estratégico para o endossamento da direção social do Serviço Social hegemonicamente construída, com a qual nos propomos a contribuir no sentido de sua defesa e consolidação permanente.

Reafirmamos a opção política do Serviço Social contida nas Diretrizes Curriculares da APSS (1996) pela adoção de uma teoria social crítica, da reivindicação de uma unidade teórico-prática na perspectiva da práxis política e de negação da ordem do capital. Não temos dúvidas de que, uma jovem profissão emergente no solo da maturação do ordenamento

²⁵ Conforme Netto (2013), no contexto do ápice da emergência dos regimes do *Welfare State*: “Praticamente só os marxistas insistiam em assinalar que as melhorias no conjunto das condições de vida das massas trabalhadoras, nos países capitalistas centrais, não alteravam a essência exploradora do capitalismo, continuando a revelar-se através de intensos processos de pauperização relativa [...]”

monopólico e que “[...] tem na ‘questão social’ a base de sua fundação enquanto especialização do trabalho” (IAMAMOTO, 2008, p. 163), encontra na obra marxiana e na tradição marxista um conjunto fundante de formulações que possibilita uma compreensão dos fundamentos da sua própria constituição e significado social.

A trajetória de Marx e Engels, suas investigações eivadas de profundo rigor teórico-metodológico, de vinculação com as lutas proletárias, de exercícios de análises de conjuntura de grande fôlego, são indicativas do que Netto (2012) alude como a “coerência de uma vida”. Não obstante as elaborações de Marx saltarem aos olhos com maior ênfase que as de Engels, é importante que este último não seja tratado como mero apêndice daquele. Não esqueçamos que, foi por intermédio de Engels que Marx descobriu a economia política, o que o levou posteriormente a dedicar-se ao estudo rigoroso de seus formuladores clássicos (NETTO, 2012). Tal relação entre Marx e Engels se desdobrou inclusive, para além do plano teórico²⁶, nos convidando à reflexão quanto ao reconhecimento das possibilidades de relações interpessoais que se antagonizam aos valores da sociedade do capital – esta que nos condiciona à reprodução da alienação, da lógica da concorrência entre sujeitos da classe trabalhadora em detrimento da coletividade e da solidariedade de classe internacionalista.

Afinal, como construir uma luta organizada entre estudantes quando o acesso e a permanência são seletivos e encontram-se limitados, precarizados, ameaçados, senão a partir do desenvolvimento de consciências que transcendam os limites do individualismo, no sentido da transformação revolucionária da sociedade?

É relevante ponderar sobre a potência da relação que estudantes de diversos lugares do Brasil podem vivenciar em espaços do movimento estudantil – apesar das contradições e embates internos. Os encontros da ENESSO em níveis locais, regionais e nacional proporcionam e incentivam uma relação de solidariedade entre estudantes, diante de suas

²⁶ “Em Paris, no fim do verão de 1844, os caminhos de Marx e Engels, jovens de respectivamente 26 e 24 anos incompletos, se cruzaram para o compartilhamento de vida, lutas e obras, numa relação que se estendeu por praticamente quatro décadas, até a morte do primeiro. Vincularam-se de começo por razões políticas e logo construíram uma duradoura amizade, estabelecendo rara e fecunda colaboração intelectual. [...] O fundamento objetivo dessa amizade, para além da solidariedade própria a ela, residiu na enérgica paixão revolucionária que os animava e na inquebrantável confiança no protagonismo do proletariado”. (NETTO, 2020, p. 131-132).

similares condições de vida, trabalho e estudo; fortalecem trocas de experiência no campo da resistência e enfrentamento, de construção de ações diversas para investir na formação de novos militantes; de massificação de lutas, superando os limites da singularidade, elencando pontos comuns de luta que abarquem o conjunto político das especificidades que se apresentem.

Um universo de possibilidades investigativas ainda se apresenta como profícuo elemento de subsídio ao movimento de organização política de estudantes nos seus espaços mais imediatos de vinculação com as lutas: nas entidades de base, os Centros e Diretórios Acadêmicos de Serviço Social. É aqui neste espaço que prioritariamente se apresentam caminhos que canalizam lutas, demandas convergentes e que podem tomar formas de politização à esquerda. No conjunto das tantas entidades de base distribuídas em nosso vasto território nacional, confluem contribuições que permitem uma potencialização da construção da ENESSO.

Os desafios contemporâneos perpassam diversas mediações no campo das condições de luta organizada pelas futuras profissionais de nossa categoria. Situam-se no campo da contradição, da disputa de projetos de educação. Contudo, “[...] nas contradições da realidade também residem suas possibilidades históricas. [...] O tempo presente exige coragem e ousadia e o desafio é (re)encantar-se!” (GUIMARÃES, 2014, p. 70 e 80).

A disputa pela produção, socialização e apropriação de conhecimentos é nuclear no contexto da luta de classes – e aqui o apontamos sem menosprezar a dimensão da filosofia, da arte, enfim, das variadas formas de conhecimento que da humanidade tem emergido. No MESS, ecoa a palavra de ordem que marca trajetórias de militantes nos encontros da ENESSO, em notas políticas e declarações públicas de estudantes vinculados às respectivas entidades de representações em seus variados níveis: “*ENESSO, ENESSO, ENESSO é pra lutar!*” Que não nos esqueçamos do porquê, para quê, com quem e em qual sentido marchamos. Conforme Iasi (2020, grifo nosso), acreditamos que

nosso programa há de ser como está descrito no cartaz italiano: trabalhar menos, trabalhar todos, produzir só o que é essencial e distribuir tudo. O Brasil e o mundo que virão depois da pandemia são, portanto, os mesmos que deixamos lá atrás quando tudo isso começou: **um país e um mundo que precisam de uma revolução.**

5. Referências

2021: MARCHA o exército de famélicos na estrada de tijolos amarelos. Editorial. **Revista Barravento**. Brasil, 17 nov. 2021. Disponível em: <https://revistabarravento.com/post/2021-marcha-o-ex%C3%A9rcito-de-fam%C3%A9licos-na-estrada-de-tijolos-amarelos>. Acesso em: 19 nov. 2021.

ABRAMIDES, Maria Beatriz da Costa. **O projeto ético-político do serviço social brasileiro: ruptura com o conservadorismo**. São Paulo: Cortez, 2019.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO E PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL. **Diretrizes gerais para o curso de serviço social** (Com base no Currículo Mínimo aprovado em Assembleia Geral Extraordinária de 8 de novembro de 1996.). Mimeo.

BRAZ, Marcelo. Notas sobre o projeto ético-político do serviço social. *In*: CONSELHO REGIONAL DE SERVIÇO SOCIAL 7ª Região. (org.). **Assistente social: ética e direitos - coletânea de leis e resoluções**. 5. ed. Rio de Janeiro: Daugraf, 2008, v. 1, p. 78-85.

CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL (Brasil). **Código de ética do/a assistente social comentado**. São Paulo: Cortez, 2012.

DESLANDES, Suely Ferreira. O projeto de pesquisa como exercício científico e artesanato intelectual. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2016. p. 30-55.

DURIGUETTO, Maria Lúcia. Movimentos sociais e serviço social no Brasil pós-anos 1990: desafios e perspectivas. *In*: ABRAMIDES, Maria Beatriz; DURIGUETTO, Maria Lúcia (org.). **Movimentos sociais e serviço social: uma relação necessária**. São Paulo: Cortez, 2014. p. 177-194.

EXECUTIVA NACIONAL DE ESTUDANTES DE SERVIÇO SOCIAL (Brasil). **Cartilha** “A quem serve o teu conhecimento?” Brasil, 2015. Disponível em: <https://enessooficial.files.wordpress.com/2015/08/a-quem-serve-teu-conhecimento-enesso-2015.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2022.

EXECUTIVA NACIONAL DE ESTUDANTES DE SERVIÇO SOCIAL (Brasil). **Estatuto da Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social**. [Curitiba,PR]: ENESSO, 2019. Disponível em: <https://enessooficial.files.wordpress.com/2020/10/estatuto-revisado-2019-3.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2022.

FORNAZIER MOREIRA, Tales Willyan; CAPUTI, Leslieane. As Diretrizes Curriculares da ABEPSS e os Valores Éticos e Políticos para a Formação Profissional em Serviço Social. **Temporalis**. Brasília, DF, v. 16, n. 32, p. 97-121, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/14006>. Acesso em: 25 fev. 2022.

GRUPO DE TRABALHO E PESQUISAS MOVIMENTOS SOCIAIS E SERVIÇO SOCIAL. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO E PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL (ABEPSS). **Relatório do GTP serviço social e movimentos sociais gestão 2017-2018**. Vitória, ES: XVI ENPESS, 2018. Disponível em: <http://www.abepss.org.br/arquivos/anexos/relatorio-gestao-20172018-movimentos-sociais-e-servico-social-201912021622508947260.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2022.

GUERRA, Yolanda. A dimensão investigativa no exercício profissional. *In*: CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL; ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO E PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL (org.). **Serviço social: Direitos sociais e competências profissionais**. Brasília, DF: CFESS, 2009.

GUIMARÃES, Maria Clariça Ribeiro. Movimento estudantil de Serviço Social e dilemas atuais: o desafio é (re)encantar-se. *In: Universidade e Sociedade*. Brasília, DF, v. 54, p. 70-81, ago. 2014. Disponível em: <https://enessooficial.files.wordpress.com/2012/04/movimento-estudantil-de-servic3a7o-social-e-dilemas-atuais-o-desafio-c3a9-reencantar-se-2014.pdf>.

Acesso em: 20 nov. 2021.

IAMAMOTO, Marilda Vilella. **Serviço social em tempo de capital fetiche**: capital financeiro, trabalho e *questão social*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. Proposta de interpretação histórico-metodológica. *In: IAMAMOTO, Marilda Vilella; CARVALHO, Raul de. Relações sociais e serviço social no Brasil*: esboço de uma interpretação histórico-metodológica. 41. ed. São Paulo: Cortez, 2014. p. 35-130.

IASI, Mauro Luis. **Ensaio sobre consciência e emancipação**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

IASI, Mauro Luis. Pré-história, pós-pandemia e o que virá. **Blog da Boitempo**, São Paulo, 14 abr. 2020. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2020/04/17/pre-historia-pos-pandemia-e-o-que-vira/>. Acesso em: 31 mar. 2022.

LÊNIN, Vladimir Ilitch Ulianov. As tarefas das uniões da juventude. *In: Germinal: Marxismo e educação em debate*. Salvador, BA, v. 07, n. 02, p. 337-348, dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/15303/10487>. Acesso em: 16 abr. 2022.

MARQUES, Morena Gomes; GUIMARÃES, Maria Clariça Ribeiro. Movimentos sociais e Serviço Social: uma análise das publicações sobre o tema. **Temporalis**. Brasília, DF, ano 19,

n. 38, p. 24-36, jul./dez. 2019. Disponível em:
<https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/24175/20063>. Acesso em: 17 nov. 2021.

MARX. *In*: Os Pensadores. Coordenação editorial: Janice Florido. Tradução de Edgard Malagodi. Colaboração de José Arthur Giannotti. São Paulo: Nova Cultural, 1999. p. 49. (Karl Marx. Para a crítica da economia política. Do capital. O rendimento e suas fontes).

MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl. O Processo de trabalho e o processo de valorização. *In*: MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Livro I. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017. p. 255-275.

NETTO, José Paulo. **Ditadura e serviço social**: uma análise do serviço social no Brasil pós-64. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2009a.

NETTO, José Paulo. Introdução ao método da teoria social. *In*: CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL; ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO E PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL. (org.). **Serviço Social**: Direitos sociais e competências profissionais. Brasília: CFESS, 2009b.

NETTO, José Paulo. **Capitalismo monopolista e serviço social**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

NETTO, José Paulo. Introdução. *In*: NETTO, José Paulo. **O leitor de Marx**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. p. 07-35.

NETTO, José Paulo. Uma face contemporânea da barbárie. **Revista Novos Rumos**. Marília, SP, v. 50, n. 1, 2013. Disponível em:

<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/novosrumos/article/view/3436>. Acesso em: 14 abr. 2022.

NETTO, José Paulo. **Karl Marx**: Uma biografia. São Paulo: Boitempo, 2020.

POERNER, Arthur José. **O poder jovem**: história da participação política dos estudantes brasileiros. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

RAMOS, Sâmia Rodrigues. A importância da articulação entre ABEPSS, Conjunto CFESS/CRESS E ENESSO para a construção do projeto ético-político do serviço social brasileiro. *In: Temporalis*, Brasília, DF, v. 11, n. 22, p. 113-22, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://www.abepss.org.br/arquivos/anexos/ramos-samya-rodrigues-201608060412162753570.pdf>. Acesso em: 17 out. 2021.

SANTOS, Tiago Barbosa. **A participação política dos estudantes de serviço social na defesa e consolidação da direção social da formação**: a práxis política dos estudantes e a relação com a formação profissional. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Faculdade de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://bityli.com/7MawBS>. Acesso em: 20 out. 2021.

YAZBEK, Maria Carmelita. Serviço Social e seu projeto ético-político em tempos de devastação: resistências, lutas e perspectivas. *In: YAZBEK, Maria Carmelita; IAMAMOTO, Marilda Vilela. (org.). Serviço Social na história*: América Latina, África e Europa. São Paulo: Cortez, 2019. p. 86-101.

ZANELLI, Lucila de Souza. **Movimento estudantil de serviço social e consciência de classe**: um debate a partir da ENESSO. 2019. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Serviço Social) – Departamento de Serviço Social, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2019. Disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/17GbO9b75ioXi9WphCxp22jDP-gLg2LXi/view>. Acesso em: 29 nov. 2021.

ZANELLI, Lucila de Souza; CAPUTI, Lesliane. Consciência de classe e o movimento estudantil de Serviço Social brasileiro. **Serviço Social em perspectiva**. Montes Claros, MG, v. 04, n. especial, p. 417-428, 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/sesoperspectiva/article/view/1431/1638>. Acesso em: 18 abr. 2022.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional